

Cebes 30 anos

No ano em que completou três décadas de existência, o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), um dos berços da Reforma Sanitária, conclamou os sócios a elegerem uma nova diretoria, com a missão de “refundar a instituição e o movimento sanitário brasileiro”. Em assembléia com 140 participantes, que integrou as atividades do 8º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em agosto de 2006 no Rio de Janeiro, a cientista política Sonia Fleury assumiu a presidência do Cebes e a tarefa de devolver à associação seu status de espaço produtor de conhecimento dedicado às políticas de saúde.

A professora lembra que essa reação começou nas gestões dos dois presidentes que a antecederam, os sanitaristas Paulo Amarante e Sarah Escorel, que intensificaram o trabalho para manter a revista Saúde em Debate, uma das publicações editadas pelo centro. Sarah ainda conseguiu consolidar parcerias com entidades da saúde, como o Conasems e a Associação Brasileira de Economia da Saúde, o que resultou em números especiais da revista Divulgação em Saúde para Debate.

A instituição, ressalta Sonia, também esteve representada em todos os eventos políticos que congregaram as organizações do setor - na Plenária das Entidades da Reforma Sanitária, no Simpósio de Saúde da Câmara e na elaboração, recentemente, de textos políticos que serviram de documento - base ao Abrascão.

Para Sonia, a Reforma Sanitária vive um dilema: “Conseguimos nos instituir como poder, mas estamos perdendo nossa característica crítica e transformadora”. Professora da Fundação Getúlio Vargas, ela avalia que a visão política do movimento cedeu lugar a uma percepção distante, quase burocrática dos reais anseios da sociedade. “A demanda da população não é a regulamentação da Emenda Constitucional 29, isso é conversa nossa e não conquista ninguém”, criticou, propondo em troca a ampliação da agenda e da pauta do movimento sanitário.

A nova diretoria do Cebes sugere a incorporação de questões como a reforma política, a relação entre o público e o privado na saúde, a propriedade intelectual, a judicialização do setor e as necessidades das mulheres, dos negros, dos movimentos sociais. “É preciso revitalizar o debate não só entre os sanitaristas, mas também com a sociedade em geral”, diz Sonia. O objetivo: fugir do insulamento da área da saúde, que se fechou para se proteger. “Hoje não falamos para fora, para a população”.

A “reforma da reforma” defendida por Sonia tem como meta o avanço deste projeto de transformação política e social, e não somente a melhoria do SUS. A professora, aliás, aponta uma confusão no uso da expressão, visto que há quem fale em “reforma de reforma” para se referir apenas a mudanças no rumo do Sistema Único de Saúde. “O movimento sanitário se restringiu a defender o SUS sob qualquer aspecto e reduziu muito suas propostas de transformação da sociedade”, frisa.

Sonia não minimiza a importância de se avaliar constantemente os serviços públicos de saúde, mas defende que é fundamental discutir, por exemplo, quais são as forças sociais que podem assegurar a continuidade da Reforma Sanitária e levar adiante a idéia de consciência sanitária num mundo em que a lógica coletiva se perdeu, sendo substituída por um individualismo perverso. A intenção da nova diretoria do Cebes - cujo mandato termina em 2009 - é aplicar o projeto da reforma em suas últimas consequências e provar que a universalização, a equidade e a justiça social são viáveis.

Para isso, a instituição já está promovendo plenárias públicas mensais para análise de conjunturas e estimulando a recuperação de seus núcleos regionais. Também há interesse em criar uma agência de notícias de saúde pública para tentar furar o bloqueio da grande mídia que, segundo Sonia, privilegia o setor privado. “O Cebes tem que retomar seu papel pró-ativo e ousado”, destaca a nova presidente, que compara a instituição ao seu símbolo, desenhado pelo cartunista Jaguar - um menino negro, sorridente, com o pé esquerdo levantado e os braços abertos. “Assim como ele, somos pobres, livres e irreverentes”, brinca.

Criado em 1976, o Cebes é uma associação civil sem fins lucrativos, que tem como eixo a luta pela democratização da saúde e da sociedade. O



centro de estudos e reflexões acadêmicas aglutina profissionais e estudantes, produzindo e divulgando conhecimentos na área. “A história do Cebes se confunde com a da Reforma Sanitária”, ressalta Sonia. A cientista política aponta a organização como uma das responsáveis pela institucionalização do movimento sanitário, sintetizando as vertentes que o caracterizaram: a construção de um novo saber, a ampliação da consciência sanitária e a organização do movimento social. “Agora é o momento de retomar o fôlego e revitalizar esse movimento crítico e transformador”.

Diretoria Nacional

Agosto 2006